

Márcia Lemos

**(Assistente de Investigação do Projecto “Utopias Literárias e Pensamento Utópico: a Cultura Portuguesa e a Tradição Intelectual do Ocidente”, Faculdade de Letras da Universidade do Porto)**

**Citação:** Lemos, Márcia, "Nota Explicativa a *Visão do Pico de Itajuru*", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 8 (2008). ISSN 1645-958X. <<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id05id164&sum=sim>>

No Brasil, as primeiras décadas do século XIX foram férteis em mudanças, revoluções e amotinações populares, sempre sob o mote da liberdade. Quando, em 1822, D. Pedro IV de Portugal, Primeiro do Brasil, lançou o célebre “Grito do Ipiranga”, clamando pela Independência ou a morte, as bases para a emancipação da colónia estavam finalmente lançadas. Proclamado Imperador e Defensor Perpétuo do Brasil, D. Pedro opunha-se assim às pretensões portuguesas representadas por D. João VI, seu pai, que acabaria por reconhecer a independência da nação brasileira, embora exigindo para tal fortes contrapartidas económicas.

Alcançada a independência, mantiveram-se, todavia, as discórdias entre D. Pedro e alas mais liberais da sociedade brasileira. A dificuldade em ouvir os seus opositores e as atitudes de força do Imperador, bem patentes na dissolução do Ministério Liberal, tornavam a sua permanência no poder insustentável. Nas ruas, os conflitos assumiam, mais do que contornos políticos, contornos raciais:

Os conflitos de rua e as dissensões e rivalidades entre “brasileiros” e “portugueses” (...) transformaram-se, depois da Independência, em rixas naturais e inevitáveis entre “colonizados” e “colonizadores” (...). O Imperador gradativamente, a partir de 1826, começou a ser visto como tendo um “coração português”, privilegiando seus conterrâneos. Os conflitos antilusitanos se acirraram sobretudo nos meses que antecederam a Abdicação e culminaram nas “noites das garrafadas” que começaram no dia 11 de março de 1831 e tiveram como fato marcante a atitude dos “portugueses” atirarem garrafas aos “brasileiros”. (Ribeiro 2000a: 59)

Havia um clima de rixas e rivalidades entre dois grupos específicos: de um lado, os “negros” – africanos e crioulos – “pardos” e “cabras”; de outro, os “portugueses” – “brancos”. (Ribeiro 2000b: 97-8)

Perante a gravidade dos conflitos D. Pedro abdica, a 7 de Abril de 1831, dando lugar ao filho, D. Pedro II do Brasil. É neste contexto de tensão e tumulto social que surge o folheto anónimo intitulado *Visão do Pico de Itajuru* que publicamos, com grafia e pontuação actualizadas, na secção de “Documento” da presente edição da *E-topia*.

O texto descreve a subida ao Pico de Itajuru de um homem, identificado sempre como “o Velho”, que procura estudar os ritmos e as revoluções da natureza. Exausto pelos rigores da subida, deixa-se envolver por um estado de dormência que propicia a ocorrência do inesperado:

As minhas pálpebras se tornaram pesadas; fizeram-se flácidos os meus músculos, e eu esperava o sono que repara as forças do cansado viajante.

E logo ouvi uma voz que partia do rochedo e que me disse: Velho, para que queres subir ao Pico do Itajuru? E eu lhe respondi, dizendo: Quero estudar a situação das montanhas e descobrir a marcha da natureza nas revoluções por que tem passado a superfície da terra. – E a voz do rochedo continuou a dizer assim: Em verdade és um velho de pouco siso; os teus estudos não são mais que vaidade e aflicção de espírito. Que são as revoluções dos rochedos e das montanhas em comparação com a revolução dos homens? (VPI 3-4)<sup>1</sup>

Esta voz do rochedo, profundamente crítica da acção dos Homens, cujos movimentos considera bem mais destrutivos do que as próprias forças da natureza, confrontada com a incapacidade humana para recolher e processar os ensinamentos da História, proporciona ao Velho uma visão do futuro:

E a voz do rochedo me disse: Falai-lhe pois do futuro.

Eu tornei, dizendo: – O homem não conhece o futuro; Deus só é quem sabe o que trarão os anos que ainda se não passaram. – A voz do rochedo continuou a falar-me, dizendo: Levanta-te e abre os olhos. (VPI 5)

Há, por conseguinte, neste texto do século XIX, uma aproximação à eucronia, formulação utópica que

tem como particularidade o facto de remeter para o futuro e de, muitas vezes, encontrar nele o local ideal para criticar o presente. É o que faz Louis-Sébastien Mercier na obra *L'an 2440: Un rêve s'il en fut jamais*, publicada em 1771, onde a descrição de um cenário futuro de maior perfectibilidade serve de denúncia da sociedade e do regime absolutista tal como se apresentava à época.

Do mesmo modo, em *Visão do Pico de Itajurú*, é pela projecção do futuro, em tom bíblico, que se desenvolve a crítica ao momento presente. Todavia, este futuro visionado não é, como acontecia no texto de Mercier, nem melhor nem mais perfeito, incorporando antes todas as tensões e as convulsões sociais que marcaram o Brasil nas primeiras décadas do século XIX.

O navio que o Velho vê afastar-se da costa representa a partida de D. Pedro I; o desmembramento da multidão, outrora unida em prol da independência, é já um facto. A divisão em estados federais passa então a ser a palavra de ordem: "*Federação ou morte*"<sup>2</sup> (VPI 5). O individualismo é a nota dominante e os conceitos de liberdade e igualdade são invocados como justificação para as mais variadas atrocidades:

E um mancebo veio e disse ao velho: – Eu amo tua filha e quero que seja minha mulher. – O velho lhe tornou: – Eu ta nego, não porque és pobre, ou porque teu pai se não sentava entre os Anciãos do país, mas sim porque ela ama a outro jovem. – E o mancebo levantou-se contra o velho; espancou-o; enrolou a mão nas tranças negras da rapariga; arrastou-a à sua casa, dizendo: – *Igualdade*.

Assim cada qual obrava o que bem lhe parecia porque faltam Príncipes e Juizes entre o povo. (VPI 7)

A tudo isto assistiu o Velho do alto do Pico de Itajurú. Oprimido pela visão do futuro, o Velho recusa-se, num primeiro momento, a seguir o conselho da voz do rochedo e a divulgar os acontecimentos testemunhados. Todavia, muda de opinião e o folheto que agora publicamos é o legado que deixa à humanidade: "(...) para ser lido dos que podem meditar e aproveitar com tempo estas lições que ainda em ficção horrorizam aos que sabem quais são as infalíveis consequências das amotinações populares" (VPI 7).

## Referências Bibliográficas

Anónimo (1831), *Visão do Pico de Itajurú*, Lisboa, Tipografia de Bulhões.

Ribeiro, Gladys Sabina (Winter, 2000a), "As noites das garrafadas: Uma história entre outras de conflitos antilusitanos e raciais na Corte do Rio de Janeiro em 1831" in *Luso-Brazilian Review*, Vol. 37, No. 2, Special Issue: State, Society, and Political Culture in Nineteenth-Century Brazil, pp. 59-74, URL: <http://www.jstor.org/stable/3514167> (acedido a 24 de Fevereiro de 2008).

\_\_\_\_\_ (Dez. 2000b), "Metáforas e ações na longa luta pela liberdade: conflitos entre "portugueses" e "homens de cor", Corte do Rio de Janeiro, 1827-1834" in *Tempo*, Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense, nº 10, pp. 97-117, URL: [http://www.historia.uff.br/tempo/artigos\\_dossie/artg10-6.pdf](http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg10-6.pdf) (acedido a 21 de Fevereiro de 2008).

---

<sup>1</sup> Doravante, todas as citações de *Visão do Pico de Itajurú* serão identificadas pelas iniciais VPI, seguidas da indicação da página em causa.

<sup>2</sup> Em itálico, no original.